

# Sinais do desastre

Jeudiel Martinez

*Sociólogo da Universidade Central de Venezuela, onde foi professor convidado. E autor do livro “A Rebelião Obediente”, sobre o colapso da Venezuela.*

Tradução de Vladimir Sibylla

*Museólogo, professor da Escola de Museologia da UNIRIO.*

*E-mail: sibylla1968@gmail.com*





Falta luz por horas, às vezes por dias. A água não chega por semanas. A internet é tão intermitente quanto as linhas telefônicas. Não há dinheiro vivo para fazer pagamentos e as plataformas dos bancos públicos não funcionam. Há cada vez menos ônibus nas ruas e o metrô aproxima-se do colapso. A combinação de falta de dinheiro vivo e de meios de transporte faz com que muitos renunciem ao trabalho ou aos estudos. As providências mais simples tornam-se torturas intermináveis. Incontáveis produtos e marcas desapareceram das gôndolas dos supermercados. Os necrotérios transbordam de cadáveres. Os hospitais carecem de insumos básicos e os alimentos e medicamentos são escassos, ou muito caros. Não é falso que tenha aumentado o número de pessoas que mendigam, buscam comida no lixo ou se prostituam por comida.

A Venezuela de hoje poderia ser simbolizada por muitas imagens: uma máquina decomposta e abandonada à oxidação; um animal preso deixado à própria sorte, à fome e ao apodrecimento; uma cidade deserta e cheia de lixo. Porém, essas seriam meras metáforas. Más metáforas.

Tantos são os sinais e imagens do desastre, tão fortes são, que não necessitamos dessas imagens suplementares: não basta que as águas brancas do Pao Cachinche estejam corrompidas pelas negras e pútridas do lago de Valencia, que os rios do Norte do país estejam contaminados, que as margens do Caroní estejam desflorestadas e liquefeitas em lama, que uma água cor de merda saia das torneiras? Não é suficiente os presos que apodrecem nas masmorras das polícias municipais – sem audiência, sem *habeas corpus*, sem água e sem comida –, os que vasculham o lixo para buscar comida?

Esses são os primeiros sinais. Sinais de contaminação, de podridão.

Outros são de falta, de carência e de omissão: os sacos de plástico e de papel que já não se encontram, as estantes vazias, os produtos e marcas desaparecidos dos mercados, as fábricas e o comércio fechados, os caixas automáticos desmontados, o dinheiro vivo que não se encontra, os eletrodomésticos danificados pelos apagões, os inumeráveis banheiros fechados por falta de água, os medicamentos que estão em falta, as esperas desesperadas para que se efetive uma transferência bancária, as centenas de milhares de

assassinados por criminosos, os 18.000 assassinados pela polícia, os milhões de emigrantes que não voltarão, o corpo descarnado e cada vez mais fraco dos governados.

Também há sinais de plenitude. Os dólares evadidos, as mansões na Espanha e na República Dominicana, os produtos dos Comitês Locais de Abastecimento e Produção (CLAP)<sup>1</sup> traficados debaixo dos olhos de policiais e militares, as filas intermináveis para se comprar qualquer coisa, a gordura que envolve os corpos recheados dos governantes, os presos que inundam os porões das delegacias, a sujeira que transborda das lixeiras.

Nenhum sinal, porém, é tão veemente, tão destrutivo como a hiperinflação, uma plêiade de zeros que não vale nada, dinheiro que nada pode comprar. Podem os advogados do chavismo, a esquerda nostálgica, os apologistas profissionais imaginar a sensação desesperadora dos que descobrem que, a cada dia, ela torna impossível a compra das coisas mais simples?

Sinais de podridão, de carência, de plenitude e, também, de fracasso. Os sinais do fracasso estão em todas as partes do país, desde Tocomá, no sul, até os Andes – passando pelo leito do rio Guaire –, um novo tipo de ruína, a *ruína prematura*, é o sinal visível do fracasso incomparável do chavismo: projetos inconclusos ou abandonados, obras de infraestrutura abandonadas, fábricas nacionalizadas que nunca produziram nada...

Em seu abandono lembram um pouco os restos da época soviética, mas, à diferença desses, não têm grandeza ou glórias passadas que lhes deem uma aura, nenhuma conquista durável à qual se apegar: a ruína prematura e, também, a ruína vivente são invenções do chavismo, como na PDVSA, que produz menos de um milhão de barris diários, como nas empresas básicas, como tudo aquilo que o caudilho secou e destruiu com seu poder de Midas invertido.

Na Venezuela, inclusive, os piores tiranos do século XX deixaram algo: estradas, unidade nacional, infraestruturas. Porém essas ruínas estão entre os sinais mais claros da passagem de Hugo Chávez sobre a terra. Declaram que o caudilho, o avatar de Cristo-

---

<sup>1</sup> N.T.: “Comitês de distribuição de alimentos promovidos pelo governo venezuelano, nos quais as próprias comunidades fornecem e distribuem os alimentos prioritários através de um sistema de entrega casa a casa. A ideia surgiu para enfrentar a escassez de alimentos e a crise econômica no país”. Fonte: Wikipedia.



Bolívar passou por ali, fez um programa de televisão medíocre, mentiu a si mesmo e aos outros com as grandes conquistas da revolução, embriagou-se com as mesmas ilusões dos iludidos que o seguiam, assinou recursos que terminaram no bolso de funcionários tão inúteis quanto corruptos.

As ruínas são sua *imagem, sua marca e seu símbolo*. Elas e o amor e a submissão servil que, no entanto, inspiram em seus seguidores. Elas e a raça impudica de nossos novos amos, seus sucessores, que preferem qualquer coisa a deixar o poder. Ruínas prematuras, amor ao poder e tirania. Somemos a elas a água negra que sai pelas torneiras, os apagões, os golpes de Derwick Associates e Odebrecht, o crescimento incomparável da violência e do crime, e a riqueza fantástica dos *bolichicos* e *boliburgueses*<sup>2</sup>: aí está o legado.

Tudo de bom ou de nobre que ele tentou em meio aos seus excessos de riqueza e poder, ou não passou de fantasia ou boas intenções, ou foi há muito perdido em decadência e desastre que ele próprio invocou como aprendiz de feiticeiro. Nesta região do mundo onde o pai é, simultaneamente, ausente, medíocre e brutal, o caudilho não era anormal, mas algo normal, como se a contrapartida física de sua obsessão metafísica com a unidade fosse o desastre: unidade dos corpos e das almas, da terra e de suas riquezas no seio do Estado que se apodrece e se desmorona.

Cada ruína testemunha um feitiço contra ela, um *golem* mal armado do cabalista medíocre que não deixou mais que ruínas, dinheiro no bolso dos burocratas e ilusões na mente dos iludidos. Ninguém, como o caudilho, encarnou o ridículo, o grotesco nacional que, liberado de suas últimas, precárias contenções (multipartidarismo, disciplina fiscal, resíduos do Estado de Direito), transmutou-se em desastre e corrupção ilimitados: prometeu soberania alimentícia e a comida é importada, prometeu fazer da Venezuela um super produtor de petróleo e PDVSA está quebrada, prometeu democracia e deixou caudilhismo e estado de exceção, prometeu participação e deixou verticalismo e

---

<sup>2</sup> N.T.: Termo que designa a burguesia bolivariana, casta formada por militares, políticos, funcionários públicos e empresários ligados ao chavismo. Grupo que ascendeu econômica e socialmente em meio à derrocada econômica, política e social da Venezuela, focado em multiplicar suas fortunas fora do país. *Bolichico*, por sua vez, designa os mais jovens desse grupo. Os termos foram cunhados pelo jornalista venezuelano Juan Carlos Zapata.

burocracia: existe apenas um caso em que os feitiços inversos do caudilho deixaram algo que não seja o oposto perfeito do que foi invocado, do que foi oferecido?

Ele não apareceu no seu último discurso público (a virada no leme que as pessoas simples pensam que teria mudado tudo) falando de "fábricas de fábricas" e "fábricas satélite" apenas alguns anos antes de se tornar quase impossível encontrar comida?

Hugo Chávez foi um virtuoso na arte de se apropriar de tudo para decompô-lo. A ele, nem as viúvas do neoliberalismo, nem nossas esquerdas patéticas conseguem entender. Atribuir seu método – que é o de Maduro – ao socialismo soviético, ou ao neoliberalismo é, no pior dos casos, estupidez doutrinária; no melhor, uma simples aproximação.

O que escapa aos liberais e neoliberais, tanto quanto aos socialistas, é que a obsessão por nacionalizar e regular não foi mais que o método de uma *privatização de estado* que, no passado, foi chamada de *patrimonialismo* e que, mais que a personificação do Estado, fez de Chávez *seu proprietário*: não era Alejandro Andrade, seu guarda-costas, o encarregado do tesouro público? Uma de suas enfermeiras não foi a vice-presidente do tesouro? É que cuidar do dinheiro público era uma extensão de cuidar de Chávez, o tesouro público era seu tesouro e a *res publica*, seu patrimônio, a confusão generalizada entre público e privado. O êxtase do clientelismo é um dos sinais mais claros de sua passagem pelo poder. Por isso as missões sociais não eram um atributo da Segurança Social, nunca renovada, mas sim de suas relações pessoais com Fidel Castro, uma relação clientelista baseada no aluguel de mão de obra importada e não de novas ou renovadas instituições.

A “Unidade, Unidade, Unidade” da qual falava obsessivamente parecia o empenho de converter todo o Estado em uma extensão ou uma prótese de sua personalidade, cujas extensões nervosas eram linhas clientelistas e caudilhistas, daí a tolerância incondicional à corrupção de seus funcionários, desde que fossem leais. Essa confusão entre público e privado é um sinal dessa *captura do Estado*, que não trata, como na simples concepção liberal, do Estado que captura a sociedade, mas sim de *uma força supra estatal que captura o Estado*. Essa captura do Estado no supra estatal – e sua



duplicação no paraestatal – parece ser a essência de todo totalitarismo, seja quando constrói um Estado a sua medida, como em Cuba, seja quando captura um existente, como na Itália ou Alemanha, ou que, como na Venezuela, o descomponha.

Nesse contexto, socialistas e neoliberais se debatem para entender o desastre chavista: os primeiros dizem que a propriedade privada não apenas permaneceu, como também que as fortunas privadas multiplicaram-se, graças à pilhagem da riqueza pública; os segundos, que um regime asfixiante de polícia abateu-se sobre a empresa... e ambos têm razão: se o chavismo gerou, talvez, a maior pilhagem da história nacional foi justamente da riqueza pública – 4 bilhões de dólares, segundo a Assembleia Nacional e um pouco menos segundo os chavistas dissidentes do Marea Socialista<sup>3</sup> –, pilhagem da qual participou, ávido, o capitalismo privado venezuelano... mas o socialismo de Chávez, mais que falso, era decadente, estava quebrado, sem mecanismos de planificação, sem todo o *know how* gerado durante décadas para compensar as deficiências da planificação centralizada, e tampouco capaz de gerar algo semelhante às instituições de bem-estar do Norte da Europa, ou inclusive de Cuba, cujo fracasso em gerar forças produtivas é bem conhecido.

O socialismo de Chávez, que recorda um pouco o da Argélia ou da Líbia, era, acima de tudo, um regime de polícia por meio do monopólio do dólar e das expropriações maciças, uma guerra contra o empresariado, a quem via como um inimigo, mas também uma estratégia para gerar um empresariado dócil, parasitário e aproveitável por meio dos contratos e alocações de dólares baratos: Raúl Gorrín<sup>4</sup> é, sem dúvida, a personificação do empresário tal como concebia o chavismo. Por esses mesmos meios estabeleceu-se todo um sistema de controle *bioeconômico* da população baseado na moeda subsidiada e em serviços gratuitos, *um esquema de troca de subsídios por lealdade*.

---

<sup>3</sup> N.T.: “Movimento político venezuelano de orientação chavista contra o governo de Nicolas Maduro. Marea Socialista identifica-se como uma esquerda não-Stalinista e não-autoritária, dentro da tradição Trotskista”. Fonte: Wikipedia.

<sup>4</sup> N.T.: “Raúl Gorrín Belisario é um advogado e empresário venezuelano que atualmente atua como presidente da Globovisión e da companhia de seguros La Vitalicia. Devido à sua proximidade com o governo venezuelano ele foi atualmente sancionado por alegações de corrupção, incluindo subornos a ministros do governo de Hugo Chávez”. Fonte: Wikipedia.

Reduzido a uma série de procedimentos de baixa polícia, privado de todos os mecanismos racionais e *know how* técnico requerido, o socialismo chavista terminou convertido em uma arma contra a produção e em uma ferramenta prática de pilhagem: engenhos açucareiros, fábricas, canais de televisão, nada escapava da fome de unidade de Hugo Chávez. Os resultados são conhecidos: o açúcar é escasso e caro, suas fábricas nacionalizadas são conchas vazias... vamos esquecer os tolos sem esperança que correm por aí gritando “isto não é socialismo!!” a seus irmãos neoliberais, igualmente imbecis, que gritam de volta “castro-comunismo!!”. Há algo descomposto, disfuncional, gigantesco no chavismo que não serve nem aos requisitos do mercado livre, nem aos do estado planejador: torna impossível tanto a produção econômica que requer o primeiro, como a gestão pública mais ou menos ordenada que reclama o segundo: demasiado desastroso, inepto, incapaz para estabelecer um mercado livre ou um estatismo funcional, o chavismo os imita e os mistura a sua maneira, estatiza porque privatizou o estado, dá poder de vida e morte a burocratas que são magnatas e empresários, liquefaz o público e o privado em um composto no qual a única coisa discernível são as *máfias* que tendem a substituir tanto a burocracia como a empresa, *máfias* que, fundidas em *oligarquias*, são as proprietárias privadas do Estado em uma sociedade comanditária<sup>5</sup>, que é a forma política do *governo privado indireto*.

Não basta, então, dizer que o chavismo é totalitário, o que é mais do que óbvio. É preciso também entender que é um totalitarismo falido, que descompôs o país ao tratar de capturá-lo e que, em certo sentido, sempre foi o gestor de seu próprio fracasso, inclusive antes que a morte do caudilho e a queda do preço do petróleo o tenham feito evidente. Podemos imaginar os grandes autoritarismos da Eurásia (o saudita, o turco, o iraniano, o chinês, o russo) submersos em apagões, água cortada por semanas, bancos deixando de funcionar por dias? Podemos imaginar o rei da Arábia Saudita pedindo ao presidente da Saudi Aramco que venda frangos? Mendeleev brigando com os padeiros de

---

<sup>5</sup> N.T.: Sociedade em comandita é aquela na qual há dois tipos de sócios: os comanditários – que têm responsabilidade limitada e contribuem apenas com o capital subscrito – e os comanditados – que contribuem com capital e trabalho, responsabilizando-se pelas atividades administrativas da empresa e, perante terceiros, de forma ilimitada.



Moscou? Os Castro privatizando as prisões aos presos ou declarando “zonas de paz” onde a polícia não entra?

As tristes artimanhas do Chavismo, seus padrões ridiculamente baixos para tudo, não têm lugar em um projeto autoritário funcional, muito menos no de um poder com pretensões hegemônicas.

Por isso não tem sentido comparar o chavismo com os grandes projetos autoritários ou totalitários de nosso tempo, sejam quais forem suas falhas, taras e crimes. O chavismo é outra coisa: comparado com as monarquias do Golfo Pérsico, com o Irã dos aiatolás, com a Turquia de Erdogan, por não dizer com a Rússia ou a China, a Venezuela chavista é um desastre, uma piada, só comparável às ditaduras africanas ou a outros estados falidos: um governo do desastre cuja única virtude é surfar em meio do desastre sem fundir-se com ele, usá-lo como meio de domínio pelo maior tempo possível.

Achille Mbembe falou da necropolítica como uma política da morte ou, ao menos, como o indecível, a fronteira entre um poder moderno, que faz viver e deixa morrer, e um arcaico, que mata e deixa viver. Porém, onde quer que Mbembe trate de reintroduzir a dimensão do poder soberano que decide sobre a vida e a morte, esse aparece fragmentado, fraturado, como centenas de imagens distorcidas em um espelho quebrado. Seja a terceira globalização programada da margem ocidental do Jordão, seja o Centro ou o Oeste da África, o que aparecem são fragmentos, uma soberania fragmentada em uma multidão de reis e mandarins divididos em uma guerra incessante e molecular que, em quase toda América Latina, é conhecida: o poder de facções armadas, máfias, policiais corruptos e esquemas de pilhagem como os descobertos pela operação Lava Jato.

De fato, a necropolítica e o “governo privado indireto” dos quais fala Mbembe estão envolvidos, refletem-se mutuamente. Tal como a fragmentação territorial e a guerra molecular, seus encontros e consórcios parecem ser a arquitetura mutante do *terceiro mundo* como cenário de uma decomposição ilimitada. É certo que essa necropolítica, essa gestão da morte do mundo, é já a das petrolíferas, do capital financeiro, a das guerras eternas no Oriente Médio, mas são poucos os cantos do mundo onde o Necropoder

estende-se em tal medida que devém uma *necrocracia*, quer dizer, onde a gestão do desastre converte-se na racionalidade mesma do poder.

É no centro da África, nos restos do Mar de Aral, nos cantos do mundo abandonados à podridão e ao desastre, ali, onde a corrupção não tem limite, o autoritarismo nutre-se do colapso e a empresa privada e o poder público fundem-se na máfia e na oligarquia, é que podemos encontrar algo com que comparar ou comensurar este desastre, mas sempre que entendamos, contra as teorias históricas das diretas e a *negação* infantil da esquerda, que o chavismo não é uma exceção, mas provavelmente a tendência em um período onde os poderes estabelecidos aceitam cada vez mais o desastre e as crises crônicas como a nova normalidade (pensemos na atitude em relação ao aquecimento global ou os desastres dos EUA no Oriente Médio e no Norte da África), mas que o chavismo parece ser, em si, um sinal do desastre venezuelano, um sintoma de um país que já estava em um avançado estado de decomposição desde 1999 e que, por isso mesmo, *não apenas gerou o chavismo como teve a capacidade de controlá-lo ou eliminá-lo*, pelo contrário, o antichavismo revelou-se, ele mesmo, tão necropolítico como o chavismo e sua verdadeira condição de possibilidade (ou o poder absoluto de Chávez tinha sido possível sem desastres como o golpe de abril, a greve dos petroleiros e a abstenção de 2005?).

Como se viu nos anos anteriores, todos os atores envolvidos converteram-se em aceleradores do desastre, inclusive o Grupo de Lima e os EUA com as sanções: Trump que, ao desapontar os gloriosos idiotas do liberalismo venezuelano – que tanto gostam da Alt Right e da lisonja de Trump –, não tomou a decisão soberana de destruir o chavismo, mas gerir o seu desastre, relegando a Venezuela, através de sanções, para um Quarto Mundo semelhante àquele em que os povos de Gaza e do Iémen vivem ou em que Mugabe conseguiu prosperar e os Castro conseguiram "resistir". Se o chavismo já é sinal e sintoma do desastre, é porque é a imagem, a marca e o símbolo de tudo o que a Venezuela tornou-se na segunda metade do século XX: aquela Venezuela da qual o triste antichavismo sente tanta *saudade* foi a causa do chavismo, assim como o chavismo é a causa não só daquele



êxtase do desastre que estamos vivendo desde 2009 (contido apenas pelo medicamento petrolífero), mas dos pequenos desastres contidos no principal.

Entender o chavismo é entender o Necropoder. Entender o Necropoder é entender a corrupção e o desastre. Corrupção, a rigor, é a destruição de qualquer coisa por corrosão, decomposição e colapso. Desastre é o desalinhamento das estrelas, o deslocamento cósmico que pressagia desastre para os mortais, ou seja, a perda de forma, estrutura ou ordem. São diferentes aspectos de uma destruição necessária para o devir das coisas. No nosso caso, parece que a corrupção gera desastre e o desastre acelera a corrupção num ciclo autopoiético.

Mas um animal morto que apodrece, que se corrói, libera elementos químicos que dão origem a coisas novas, tal como um desastre natural modifica o ambiente. Imagine um animal que nunca pare de se decompor – ou de morrer –, um cataclisma não repentino mas contínuo, com altos e baixos: um incêndio, uma inundação ou um tremor de baixa intensidade que não acaba nem dá tempo à terra para se adaptar, uma podridão que não acaba, essa é a Venezuela sob o chavismo.